

A ARTE DO JARDINEIRO NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM

Marília Lucena de Barros¹; Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro²

¹Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - CAC – UFPE; E-mail: marilia.lucenab@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Arquitetura e Urbanismo – CAC – UFPE. E-mail: anarita-carneiro@hotmail.com.

Sumário: Inspirado pelo trabalho do paisagista brasileiro e sua atenção para com o trabalho do jardineiro, o presente relatório vem como uma compilação de todas as discussões e conclusões levantadas a cerca do tema. Sua relevância torna-se ainda maior na medida que 6 jardins projetados por Burle Marx na cidade do Recife foram declarados Patrimônio Cultural Brasileiro e passaram, recentemente, por um processo de restauração após anos de abandono. O jardineiro é aquele que detém o conhecimento técnico, a habilidade artística de construir paisagem e também uma sensibilização que apenas o contato diário com o jardim o proporcionou. É por meio da noção do que é confeccionar e gerenciar um jardim, da familiarização com o seu vocabulário e do diálogo construído com o jardineiro que se pode chegar na importância que seu ofício tem para a construção e conservação da paisagem.

Palavras-chave: Burle Marx; gestão da conservação; jardim; jardineiro

INTRODUÇÃO

A inspiração que dará início a busca pelo aprofundamento do que é ser jardineiro surge com Roberto Burle Marx. No Recife, ele se faz presente através de jardins, hoje jardins históricos, cada qual responsável por criar uma ambiência única dentro da cidade. Infelizmente, ao longo dos anos, a descaracterização desses espaços se deu através de diferentes formas: espécies em desacordo ao projeto original surgiram, o desenho urbano foi perdido e outros usos foram instalados. A inquietude, gerada por tal situação, impulsionou a consolidação do plano de restauro de todas as praças recifenses por ele projetadas. A pioneira foi a praça Euclides da Cunha, no ano de 2004, projeto realizado pela Prefeitura do Recife com a consultoria e apoio do Laboratório da Paisagem da UFPE. Nesse momento, foram desenvolvidos, por parte do Laboratório, os inventários dos jardins públicos de Burle Marx no Recife. Estes tornaram-se instrumentos valiosos no processo de concepção do projeto de restauro e contribuíram imensamente para a criação de uma cultura de conservação dentro da cidade do Recife. A lacuna existente neste processo, no entanto, era justamente a ausência de profissionais qualificados a trabalharem esses jardins. O jardineiro é o principal entre eles. Não é possível manter a ordem, a identidade, a essência de um jardim sem o seu cuidado, o seu apreço. A lacuna se mantém, embora a necessidade de sua presença tenha se tornado ainda mais significativa, uma vez que 6 jardins de Burle Marx foram, no ano de 2014, considerados patrimônio cultural brasileiro. Burle Marx, preocupado com o futuro daquilo que planejava para a cidade, disse em entrevista ao jornal carioca O Globo que “[...] a principal dificuldade com que se defronta para a conservação dos jardins é a falta de água, além da **ausência de jardineiros especializados**” (1961, p:06). A Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, ou Carta de Juiz de Fora (2011), pontua como recomendação o “Reconhecimento, de forma clara e efetiva, da importância e singularidade do ofício do jardineiro”. Percebe-se então que a manutenção do jardim cabe unicamente ao jardineiro, sendo impossível manter a sua qualidade enquanto paisagem na ausência de seu ofício.

MATERIAIS E MÉTODOS

Quando no início da vigência da bolsa de Iniciação Científica do Cnpq, a presente pesquisa já encontrava-se em seu segundo ano de atividades. Num primeiro momento, enquanto bolsista Jovens Talentos para a Ciência, no período de 2013 a 2014, deu-se início a uma pesquisa teórica no que diz respeito ao tema. O ponto de partida foi o livro *La Sagesse du Jardinier*, do agrônomo, paisagista, jardineiro e escritor francês Gilles Clément. Além disso, foram trabalhados outros textos de cunho teórico, entre eles os escritos por Michel Corajoud, Anne Cauquelin e Georg Simmel. Já no fim do período, foi realizado um conjunto de entrevistas, 7 no total, com a ajuda de outra bolsista do Laboratório da Paisagem, de caráter qualitativo e quantitativo, afim de criar uma maior familiarização com o perfil dos jardineiros que trabalhavam na cidade do Recife. Quando no período de 2014 a 2015, já como bolsista de Iniciação Científica do Cnpq, a metodologia utilizada em primeiro instante foi a mesma, uma vez que partiu-se novamente de uma leitura mais aprofundada do que já havia sido previamente estudado e da procura por novos trabalhos de cunho teórico. Em seguida, foram realizadas duas entrevistas, ambas com funcionárias da Emlurb, Empresa de limpeza urbana, a cerca do trabalho dos jardineiros dentro desse processo de gestão. Por último, acompanhou-se, durante a última semana de maio de 2015, o jardineiro responsável pelo Parque da Jaqueira, afim de entrar em contato com sua rotina e sua percepção diária de jardim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão estrutura-se em três partes, trazendo abordagens diferentes quanto ao jardineiro mas sempre com a mesma finalidade, que é a de ressignificar seu ofício e, por consequência, valorizá-lo. A primeira, Confecção e gestão de jardim, procura expor que a gestão é a desconstrução do fazer, quando também aprende-se a fazer. Quando gerencia-se, dá-se **valor**, que é exatamente o que o jardim, enquanto obra de arte, merece. A segunda parte, Vocabulário de jardineiro, propõe que o contato com jardineiros, seu espaço de trabalho, suas técnicas é uma forma de aprender sobre paisagem. É também uma forma de aprender a respeitá-la. E na terceira parte, dá-se a voz para os jardineiros e pretende-se desenvolver um diálogo com eles sobre a beleza dos jardins, o poder da observação e o carinho pelas plantas. Os mestres jardineiros são aqueles mais familiarizados com a prática da jardinagem e, conseqüentemente, são também os responsáveis por realizar jardins. Seu ofício lhes confere uma sabedoria única, dentre os quais a educação para um olhar paisagístico. A observação, dessa maneira, torna-se sua principal ferramenta de trabalho. O jardim, enquanto espaço de experimentação, os possibilita descobrir em si uma capacidade de afetação particular à sua profissão. Além disso, é inerente ao seu trabalho diário o envolvimento com a manutenção de espaços verdes livres, parques ou praças, contribuindo para a conservação de sua integridade enquanto obra de arte. Nesse processo de gestão, o jardineiro é aquele que assume o papel de não só aprender cotidianamente a partir dos jardins mas também de ensinar sobre ele. Por conseguinte, o tato será a porta de entrada para a experimentação de outras sensações que o jardim proporciona: a sensorialidade despertada em cada um lhe é particular. É um momento de apropriação de paisagem de forma individual que também confere um entendimento único. Se o jardineiro é aquele que cotidianamente entra em contato com este universo, por que não recorrer a ele para um aprofundamento das reflexões acerca da paisagem? Um jardim nunca poderá acusar a necessidade da atuação de jardineiros enquanto fato posterior à sua construção. O jardineiro nasce com o jardim, no momento de sua confecção, uma vez que antes não existia nem um nem outro. É quando o homem se apropria da tarefa de edificar com o que é vegetal e vivo que este torna-se mestre, mestre dos jardins. Nas palavras, de Gilles



Clément, "O jardim está no jardineiro. Ele existe para a jardinagem"¹ (2012, p: 43). A noção de que o jardineiro trata com aquilo que tem vida é muito presente no discurso de Seu Aberlado, um dos mestres entrevistados durante a pesquisa, já que ele mais de uma vez tece comparações entre o homem e as plantas. Sua propriedade em falar do assunto é expressiva e principalmente de perceber nos detalhes a particularidade de cada situação que cada espécie o expõe, seja colocar a planta na sombra ou no sol e os efeitos dessas transformações. Apenas o jardineiro de olhar atento pode fazer observações desta natureza. Ele ainda chegou a dizer que era um curioso. Curioso no sentido de que seu trabalho era o de observar as plantas, fazer como um ensaio de laboratório. E dessa forma, descobrir como elas se portam, a quais os meios, de sombra ou de sol, estão mais adaptadas, além de vários outros descobrimentos. Gilles Clément também discute a respeito do caráter observador do jardineiro e da relevância que um olhar apurado e educado tem em seu dia-a-dia. Do seu ponto de vista, "o jardim não se ensina, ele é o próprio orientador". É a partir dessas três abordagens que se pode construir o argumento de que a jardinagem é à se considerar, sendo ela tão ciência quanto arte. A resignificação de seus ensinamentos é enormemente necessária, na medida que se passe a enxergá-lo como agente transformador, construtor e educador de paisagem.

CONCLUSÕES

Aprender sobre os jardineiros é também aprender sobre paisagem. Essa assertiva fica bem clara diante dos argumentos dispostos neste relatório. Ele é imprescindível tanto para a confecção da paisagem como para sua manutenção. Mas quanto à formação daqueles que também tem papel de grande importância dentro desse processo construtivo? O que o convívio diário com o jardim e com a prática da jardinagem pode proporcionar a um estudante de paisagismo ou arquitetura de paisagem? A percepção, assim como para o jardineiro, torna-se fundamental àquele que se dispõe a pensar jardins. Tarefa tão digna quanto os construir, porém tampouco exaustiva. Rubem Alves já disse que um jardineiro é "uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins". Percebe-se então que o paisagista não pode isentar-se de seu trabalho de ajardinar: paisagismo é sim jardinagem. Durante essa rotina laborial edifica-se uma relação de respeito com o vegetal: e é através do respeito que se adquire responsabilidade. O paisagista, tanto quanto o jardineiro, detém responsabilidade para com aquilo que se tornou seu objeto de trabalho: a própria natureza. Essa noção de responsabilidade, associada à um olhar educado com a paisagem, são o primeiro passo para a formação de profissionais adequados e, principalmente, sensíveis às necessidades dos jardins. Como criar políticas de conservação na ausência de jardins que nasceram de verdadeira inspiração artística? Tal responsabilidade cabe ao paisagista que humilde, assim como o jardineiro, se dispõe a edificar com a natureza. Importante exemplo desse respeito é Roberto Burle Marx, grande paisagista brasileiro cuja história com os jardins permanece lembrada e ensinada ainda nos dias atuais. Conhecido como "um artista que prefere de falar de uma planta decorativa, descoberta numa de suas viagens pelo interior, em busca de espécies novas, a falar de si mesmo". A admiração que tinha pela riqueza e exuberância da vegetação brasileira era facilmente notada nas declarações que dava aos jornais, admiração essa imprescindível na construção de um olhar paisagístico e da capacidade de pensar jardins. Burle Marx este que sempre humilde colocava a planta em posição de destaque, como ser vivo de fragilidade e delicadeza mais acentuadas porém de expressividade e poder artístico imensos, pode sim ser considerado verdadeiro jardineiro. Sua obra e vida enquanto síntese deste perfil são a serem observadas por aqueles que ainda estão em formação. O jardineiro, dentro desse processo de formação,

¹ Originalmente, "Le jardin est dans le jardinier. Il existe par le jardinage".

tem papel significativo, uma vez que sua presença, além de proporcionar um contato mais próximo com o jardim, cria também a responsabilidade e uma consciência de conservação. É um ciclo que começa no jardineiro e termina também nele.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha orientadora, Ana Rita, por me inspirar a permanecer sempre curiosa e em busca de cada vez mais aproximar-me do jardim e de seus ensinamentos. Agradeço também a Joelmir Marques pelo estímulo, a Carla e a Talys, colegas do Laboratório da Paisagem que compartilharam do encantamento e das descobertas proporcionadas pelos jardineiros e ao Cnpq, pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

- CARTA DE FLORENÇA (1981). In: CURY, I. (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Iphan, 2000. p. 253-258. Edições do Patrimônio.
- CARTA DE VENEZA (1964). In: CURY, I. (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 91-96. Edições do Patrimônio.
- CLÉMENT, G. **La Sagesse du Jardinier**. Paris: JC Béhar, 2004.
- CLÉMENT, G. **Jardins, paysage et génie naturel**. Paris: Fayard, 2013.
- COOPER, P. **Jardín y Paisaje**. Barcelona: Blume, 2006.
- CORAJOURD, M. **A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam**. In: SERRÃO, A. *Filosofia da Paisagem, Uma Antologia*. Lisboa: 2011.
- GARCIA, R.R. Conceptos de conservación de paisajes y jardines. In: ONOFRE, S.A. et al. **Diseño, planificación e conservación de paisajes y jardines**. Limusa Noriega Editores, México, 2002.
- LEENHARDT, J. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2006.
- SÁ CARNEIRO, A. R.; BERTRUY, Ramona P. **Jardins Históricos Brasileiros e Mexicanos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- SEGAWA, H. **Ao amor do público. Jardins do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- TABACOW, J. **Roberto Burle Marx: Arte e Paisagem**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- TERRA, C. **Paisagens Construídas: jardins, praças e parques do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.
- UNITED NATIONS ORGANIZATION FOR EDUCATION, SCIENCE AND CULTURE (UNESCO). **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial**. La Petite Pierre, França, 1992.